

# 1º Simpósio Colaborativo: Morte Materna e Responsabilidade Social



**FHEMIG**  
FUNDAÇÃO HOSPITALAR DO  
ESTADO DE MINAS GERAIS



SECRETARIA DE  
SAÚDE

**MINAS  
GERAIS**  
GOVERNO DE TODOS

# Lugar de Mulher e Lugar de Homem existe?

## GENERO, DIREITOS DAS MULHERES e CIDADANIA EM DEBATE

**Profa. Marlise Matos**  
**(DCP, NEPEM, CIFG / UFMG)**

# **ESTA APRESENTAÇÃO SE SUBDIVIDE EM 4 GRANDES PARTES:**

- 1) As mulheres brasileiras e uma breve debate socialização e interações sociais;**
- 2) Indicadores e Estatísticas de Desigualdades de gênero;**
- 3) Cotidiano e instituições: família, escola e trabalho – o enraizamento das desigualdades de gênero;**
- 4) As relações de gênero: o que são?**
- 5) CONSIDERAÇÕES FINAIS.**

# MULHERES NO BRASIL HOJE

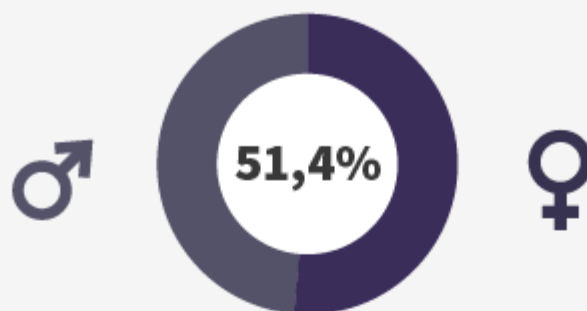
- AS MULHERES são hoje, no Brasil:
- 51,4% da população brasileira;
- 52,6% da população feminina ocupada ou à procura de emprego em 2006 (42,;
- 39,8% são “pessoas de referência” dos domicílios brasileiros (IBGE, 2014): 27,7 MILHÕES DE LARES, e;
- 51,2% do eleitorado nacional.



Fontes: Tribunal Superior Eleitoral (pleito de 2014) e IBGE (censo de 2010)

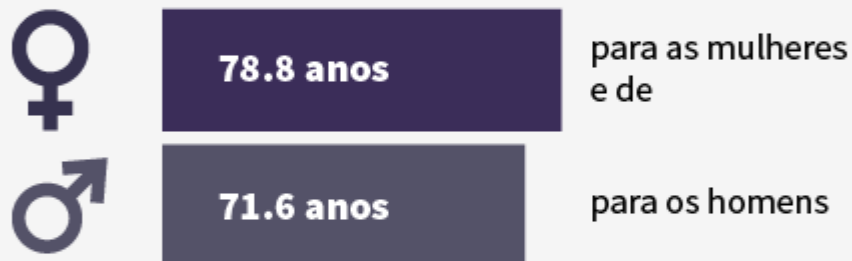
Imagem Freepick.br

O Brasil tem cerca **103,5 milhões** de mulheres, o equivalente a



de toda a população.

A expectativa de vida média no Brasil é



# A Situação da Mulher Brasileira

- Nos últimos anos, a mulher brasileira avançou muito rumo à equidade de gênero e raça.
- **Persistem, no entanto, ENORMES DESIGUALDADES, que constituem uma das principais marcas do nosso país.**
- É inegável que aconteceram progressos consideráveis em relação aos direitos das mulheres e à igualdade de gênero e raça no país. Avanços que, sem dúvida, podem ser creditados ao movimento de mulheres.

# INDICADORES E ESTATÍSTICAS DE DESIGUALDADES DE GÊNERO

# As estatísticas e relações de gênero

- É necessário reconhecer e entender as expressões sociais das relações de gênero, e das relações cruzadas com raça, classe, sexualidade e geração;
- Não se percebe a real participação e situação real dos homens e das mulheres – imagens de gênero;
- Como vimos, a percepção dos papéis de gênero é influenciada por estereótipos e concepções tradicionais;
- Os registros administrativos, os censos e as pesquisas domiciliares são determinantes.

# Continuação – estatísticas e gênero

- A produção estatística acaba por invisibilizar as mulheres
- Não capturam as diferenças,
- Têm papel importante no reconhecimento, nas mudanças. Dar visibilidade; possibilidade de mensuração.
- A estatísticas é uma das principais ferramentas para dar visibilidade as desigualdades de gênero – permite dimensionar a magnitude das desigualdades

# Indicadores de gênero

- Indicador é um dado que reúne uma grande quantidade de informação;
- Dá uma indicação de mudança no tempo e em relação a uma norma, compra com um referente; tem vínculo com temas, dimensões ou conceito;
- As estatísticas apresentam dados, fatos da realidade;
- Indicadores de gênero:
  - capturam mudanças no tempo das relações de gênero;
  - nos aproximam da situação de gênero e de sua interpretação

## Continuação – indicadores..

- Limitações – dizem pouco do porque das relações e pouco também como modificar.
- Identificam questões chaves
- Indicadores sensíveis a gênero se referem:
  - A posição que ocupam as mulheres em relação aos homens, também entre as mulheres;
  - O empoderamento das mulheres;
  - O avanço da condição das mulheres nos âmbitos público e privado

# Continuação - indicadores

- **Indicadores de gênero servem:**
  - **Sensibilizar os que fazem e planejam as políticas públicas**
  - **Contribuem para construir mudanças**
  - **Medir e avaliar o efeito das ações públicas, prevenir efeitos**
  - **Gerar novas idéias para maior equidade**
  - **Monitorar e avaliar – controle social**

- Pesquisas de domicílios
  - São freqüentes
  - Tem muitas perguntas, temas e ha módulos específicos
  - Tem problemas de sub-representação
- A unidade de analise é o domicilio – mas tem limitação
- Permitem comparações com o tempo

- **Promover a desagregação por sexo da informação em diferentes fontes;**
  - Elaborar diagnósticos setoriais;
  - Seminários setoriais entre produtores e usuários
  - Reprocessamento de dados
- **Gerar bancos de dados com enfoque de gênero**
- **Produzir sistemas de informação**
- **Promover a coleta de dados sobre temas emergentes: uso do tempo, violência, pobreza**
- **Criação de novos indicadores**

1º Simpósio Colaborativo:  
**Morte Materna e Responsabilidade Social**

# **INDICADORES**

## **Mercado de Trabalho**



SECRETARIA DE  
SAÚDE



## **NO MERCADO DE TRABALHO:**

- **No Brasil, décadas passadas, o mercado de trabalho era um espaço de hegemonia masculina.**
- **Até a metade do século XX, as mulheres não tinham o horizonte da carreira profissional ou a participação na vida pública como metas preponderantes, não tendo participação significativa na população economicamente ativa.**
- **Hoje, a presença das mulheres no mercado de trabalho é expressiva, o que contribui para desvelar as desigualdades e as discriminações se comparadas aos homens, seja no espaço público, seja no espaço privado. Na próxima unidade, traremos vários dados a este respeito. Chamo a atenção para o fato de um contingente expressivo de mulheres estar representado pelas principais provedoras de suas famílias, em contextos nos quais os maridos perderam seus postos no mercado formal de trabalho e, ainda assim, não serem reconhecidas.**
- **É recente na legislação civil o reconhecimento das mulheres como “pessoa de referência da família”, designação antes reservada somente aos homens, vistos como “o chefe da família”.**
- **Desde que o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) incorporou o quesito “pessoa de referência” nos censos, foi possível demonstrar a crescente participação das MULHERES NO PROVIMENTO DA FAMÍLIA; atualmente esse percentual é de cerca de 40%.**

**Poverty Risk**

**Average Earnings**

**Segmentation by Sex**

Low

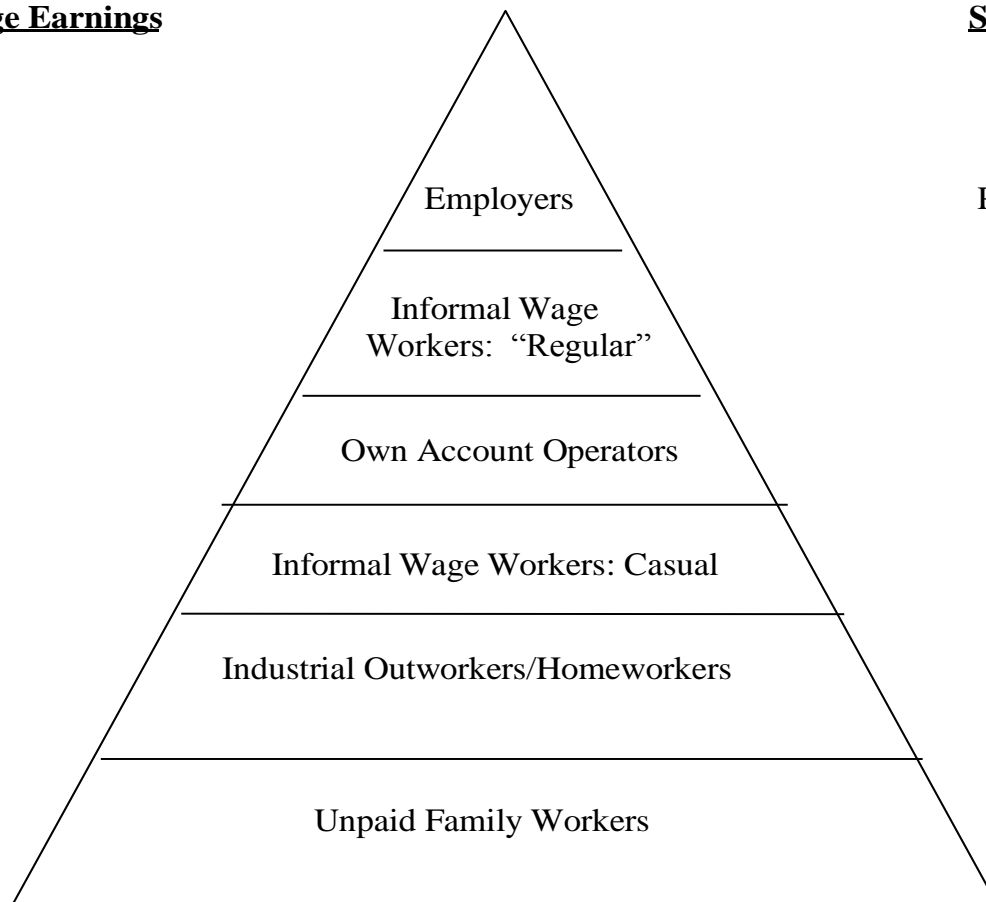
High



High



Low



Predominantly Men

Men and Women

Predominantly Women

- De acordo com o Ipea, a renda média dos homens brasileiros, em 2014, chegava a R\$ 1.831,30. Entre as mulheres brancas, a renda média correspondia a 70,4% do salário deles: R\$ 1.288,50. Já entre as mulheres negras, a média salarial era R\$ 945,90;
- As mulheres são o segundo grupo populacional com a **MAIOR TAXA DE DESOCUPAÇÃO: 8,7%**, ficando atrás apenas dos jovens que têm 16,6%;
- As mulheres gastam 21 horas semanais com os afazeres domésticos e os homens gastam apenas 10 horas semanais com essas funções.
- *“Os cursos em que as mulheres são mais de 90% dos alunos, como pedagogia, se traduzem em salários mais baixos no mercado. E os cursos em que eles são a maioria, como as engenharias e ciências exatas, têm os salários mais altos. Há uma divisão sexual do conhecimento”.*

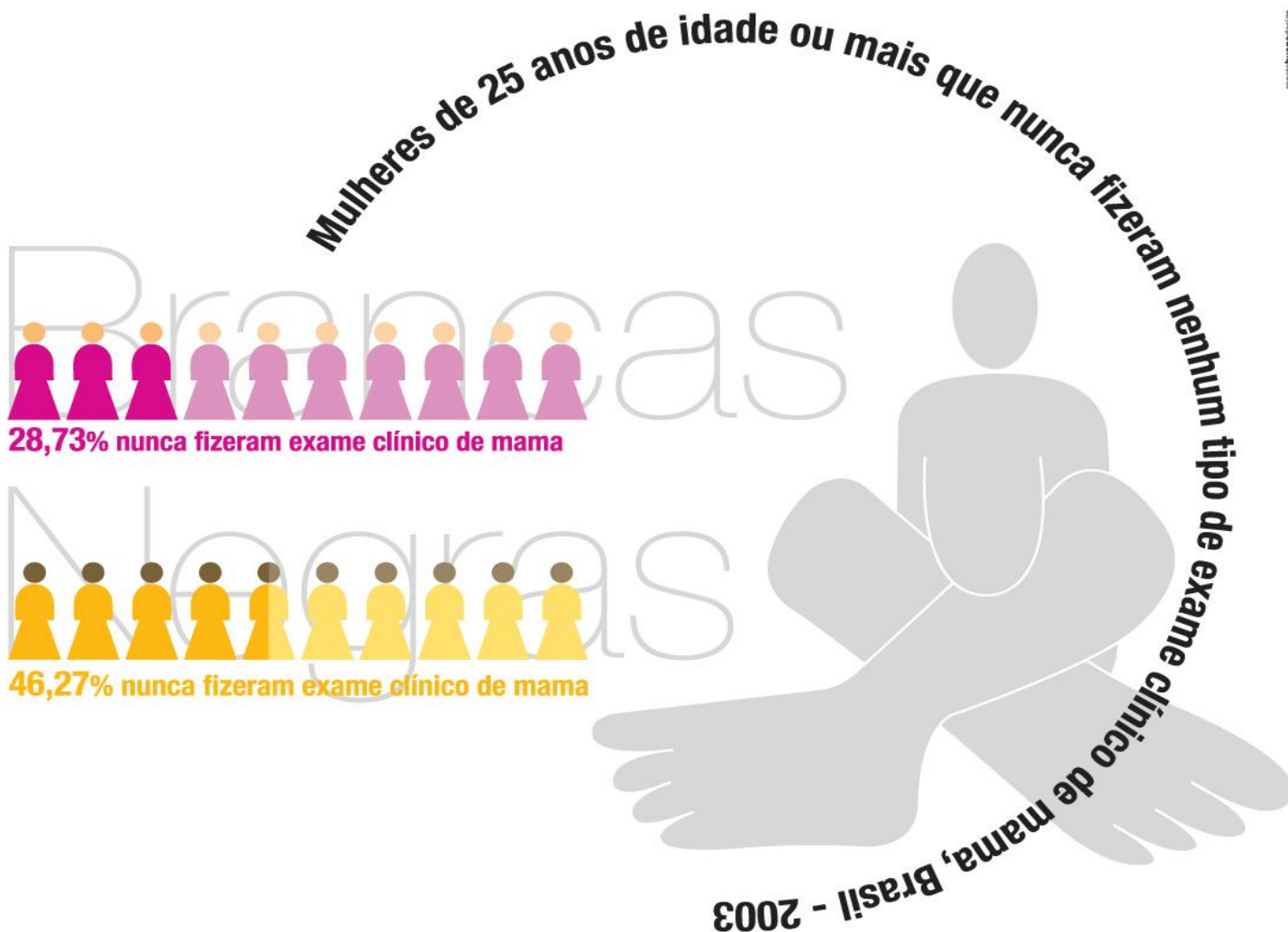
1º Simpósio Colaborativo:  
**Morte Materna e Responsabilidade Social**

# INDICADORES SAÚDE



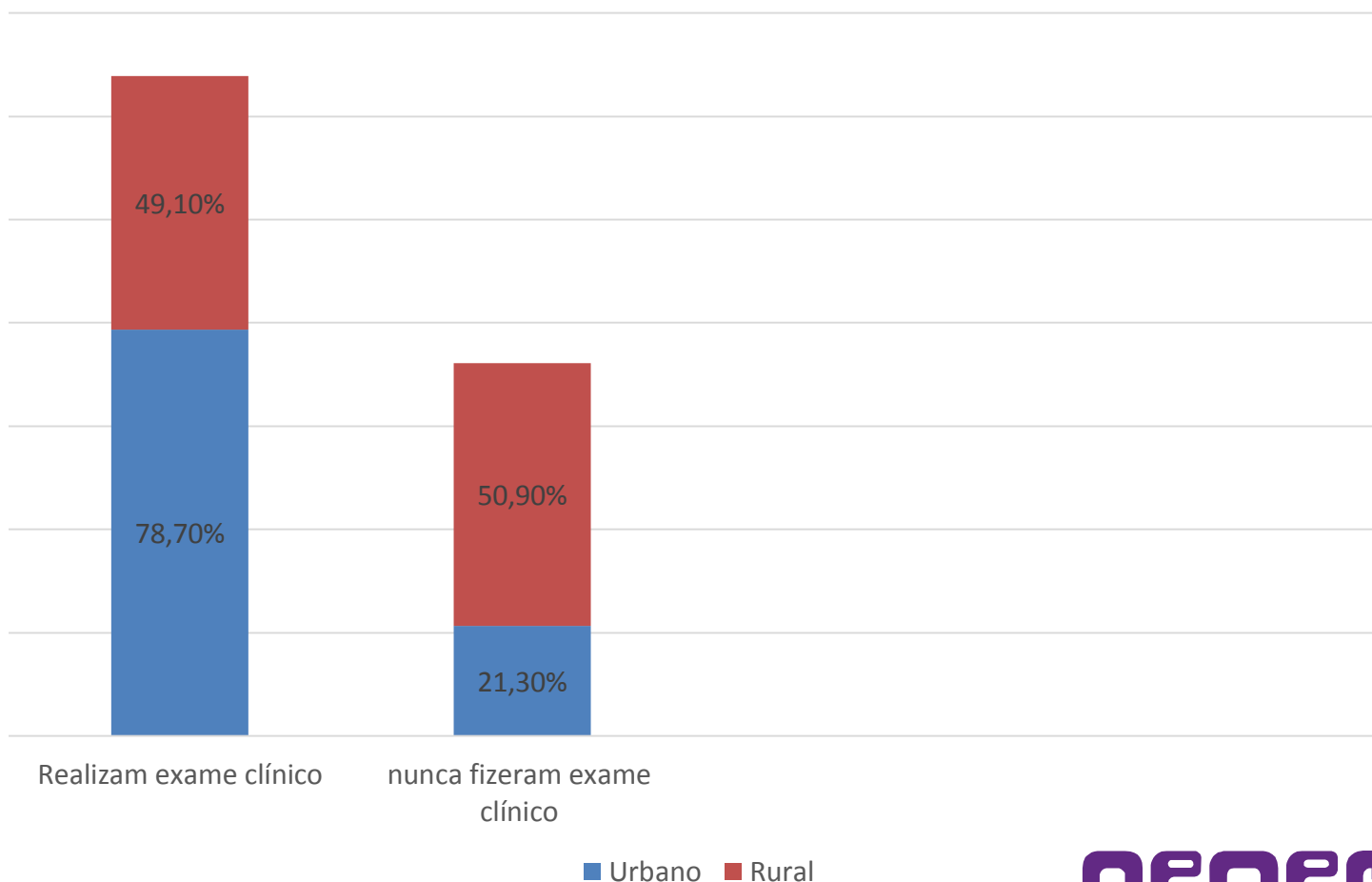
SECRETARIA DE  
SAÚDE



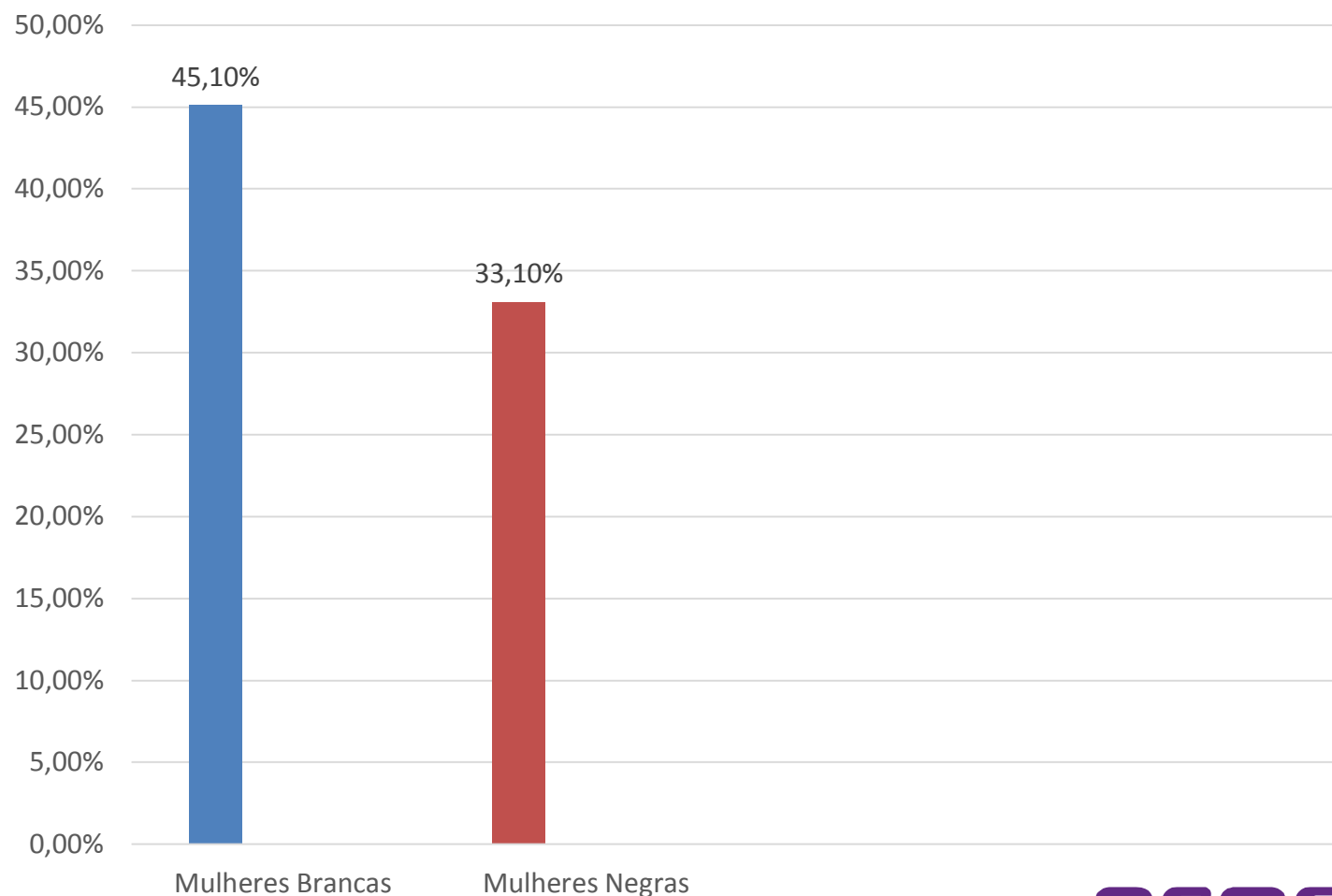


FONTE: INSTITUTO DE PESQUISA  
ECONÔMICA APLICADA (IPEA). Retrato das  
Desigualdades de Gênero e Raça. 4 ed.  
Brasília: IPEA, 2011.

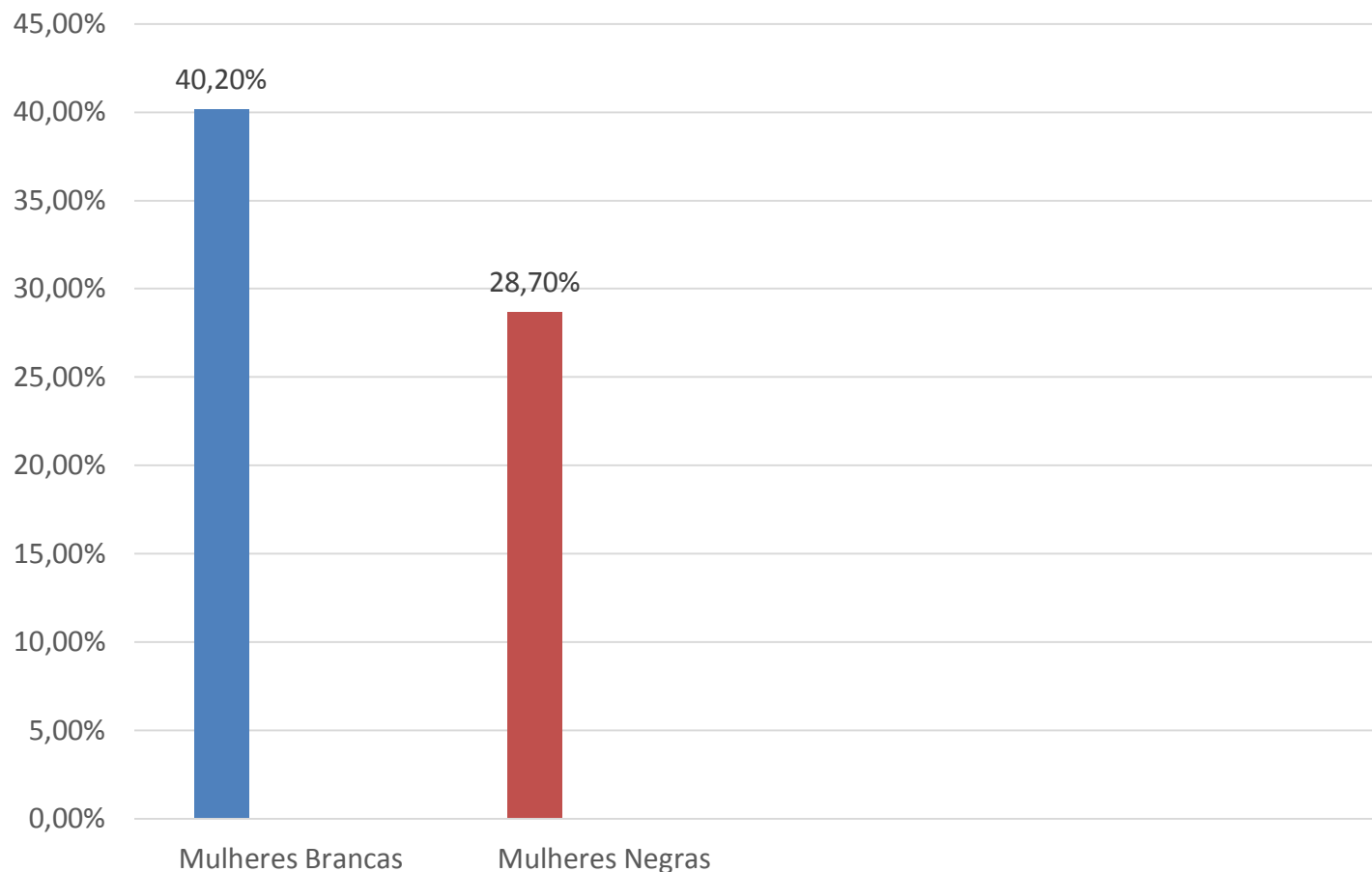
# Mulheres com 40 anos ou mais de idade, segundo realização de exame clínico e localização do domicílio:



# Realização de exame clínico de mama no ultimo ano, segundo **raça**:



# Realização de mamografia no ultimo ano, segundo raça:



- Os indicadores de saúde, quando cruzados com as características socioeconômicas, revelam a importante relação entre saúde, seus determinantes sociais (especialmente de GÊNERO) e a organização do sistema de saúde.
- A boa qualidade de saúde gera condições para a inserção dos sujeitos nas diferentes esferas da sociedade de maneira digna e decente e consolida sua autonomia e cidadania.

1º Simpósio Colaborativo:  
**Morte Materna e Responsabilidade Social**

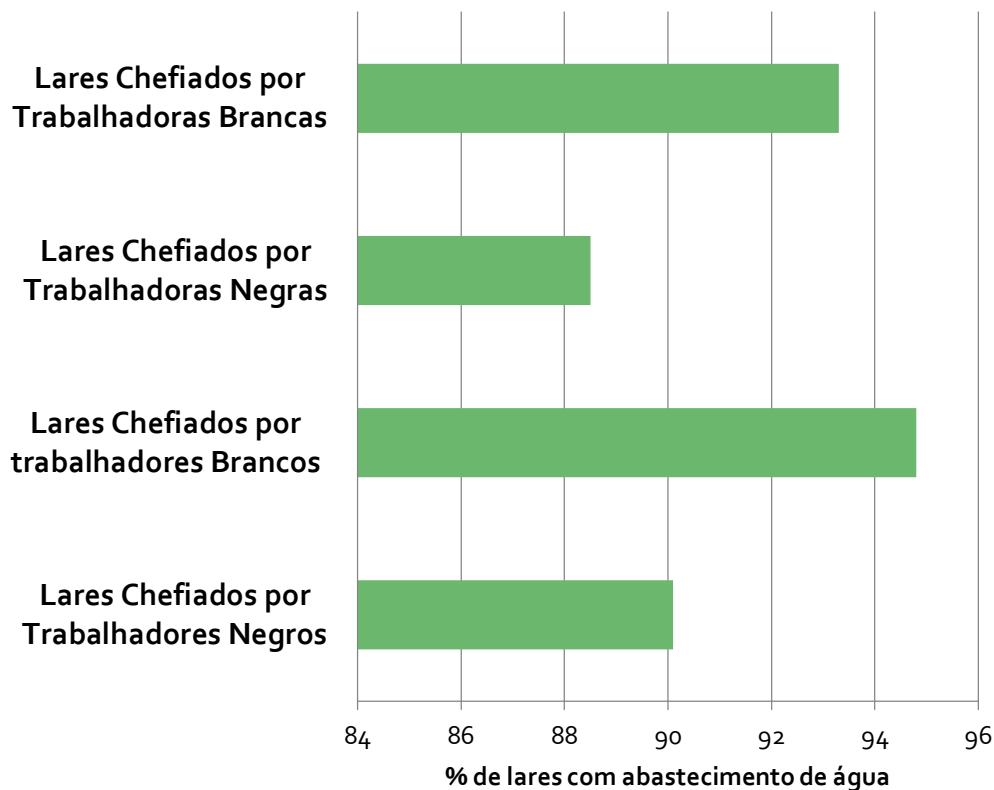
# **INDICADORES**

## **Saneamento**



# Abastecimento de Água

## Abastecimento de Água por gênero e raça



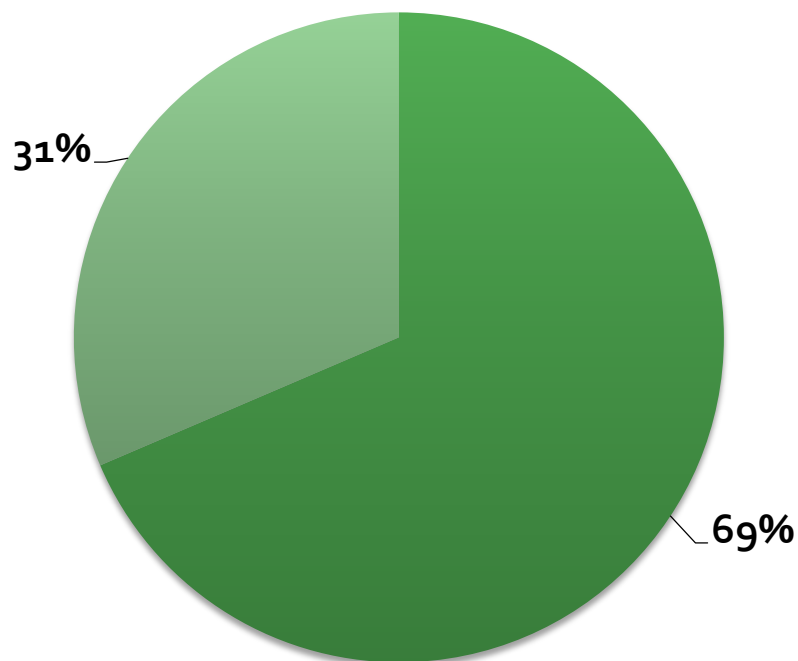
A menor cobertura do serviço se dá, em domicílios com trabalhadoras de cor/raça negra (88,5%), enquanto, nas casas chefiadas pelas trabalhadoras brancas, este número chega a 93,3%.

Entre as crianças: indígenas, 49,7% não têm acesso à água, enquanto 24,9% das negras e 10% das brancas na mesma situação.

# Esgotamento Sanitário

## Distribuição de Esgotamento Sanitário por Área

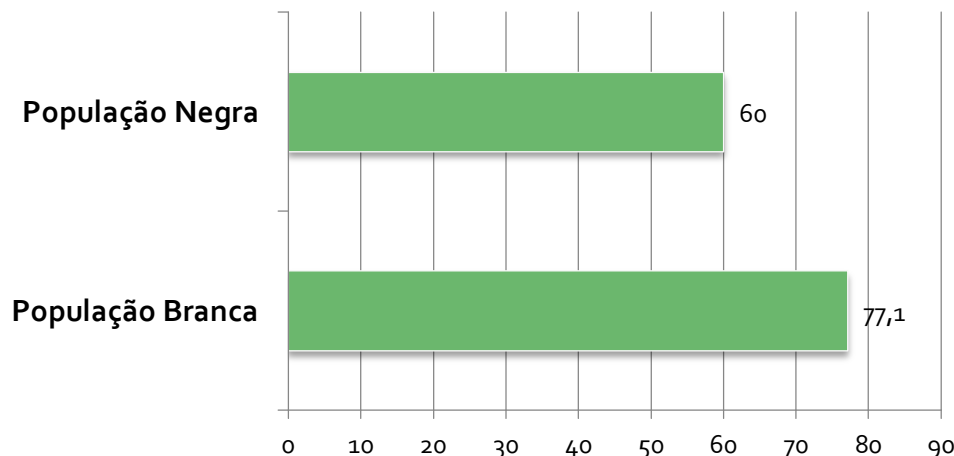
■ Urbano ■ Rural



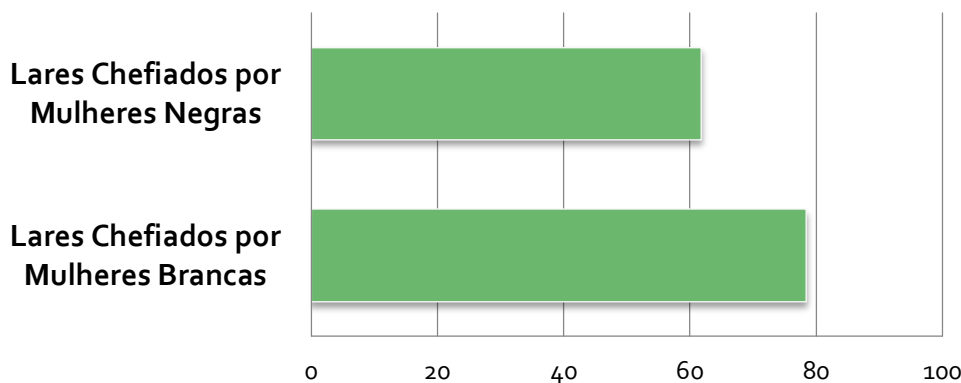
O serviço que oferece menor cobertura populacional é o de esgotamento sanitário, com um percentual de domicílios atendidos de apenas 68,9% em áreas urbanas. Quando se trata de domicílios rurais, a cobertura é ainda menor, não passando de 31,6% no ano de 2009.

# Esgotamento Sanitário

Distribuição de Esgotamento Sanitário por Raça

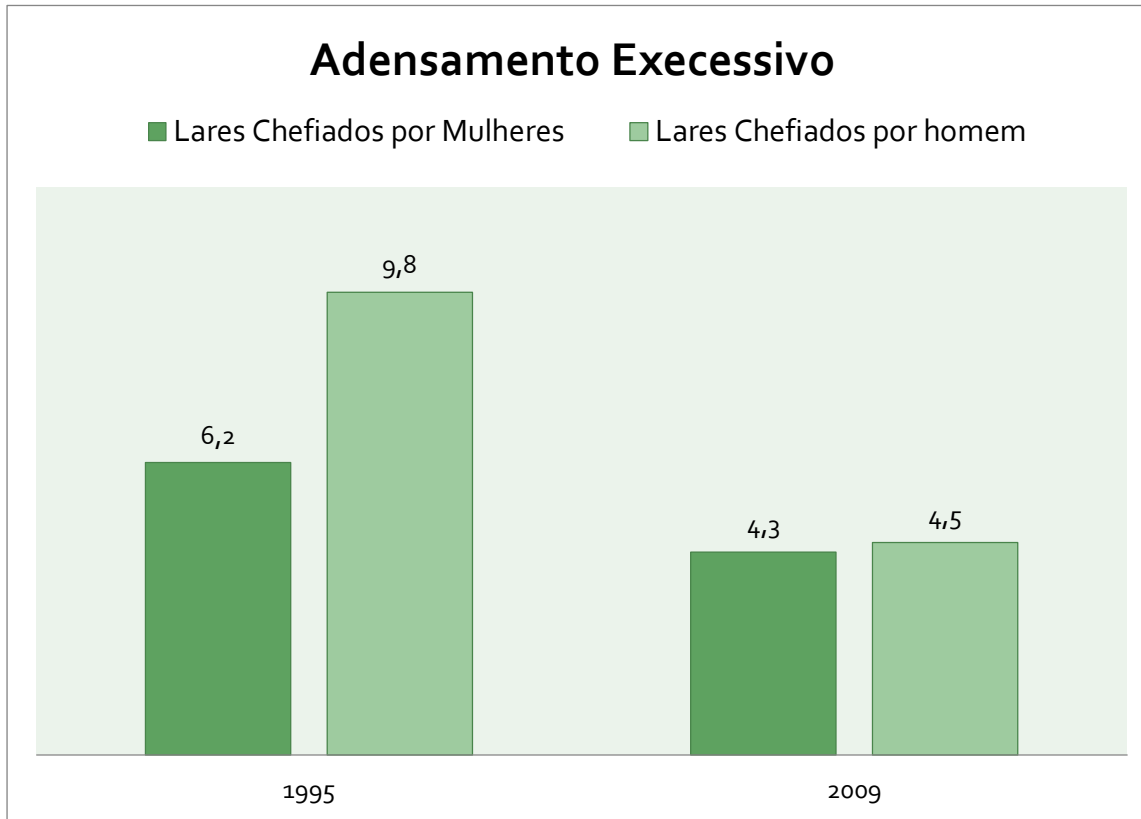


Distribuição de Esgotamento Sanitário por Gênero



Não há diferenças significativas entre os domicílios chefiados por mulheres e por homens, no entanto, as diferenças referentes à raça/cor e à renda são visíveis. Enquanto entre a população branca em geral 77,1% dos domicílios contam com esgotamento sanitário adequado, **apenas 60% da população negra dispõe do serviço.** Estes dados evidenciam que **a questão do provimento de serviços sanitários básicos não se resume à situação de pobreza,** tendo em vista que os piores indicadores se apresentam entre a população negra.

# Adensamento Excessivo

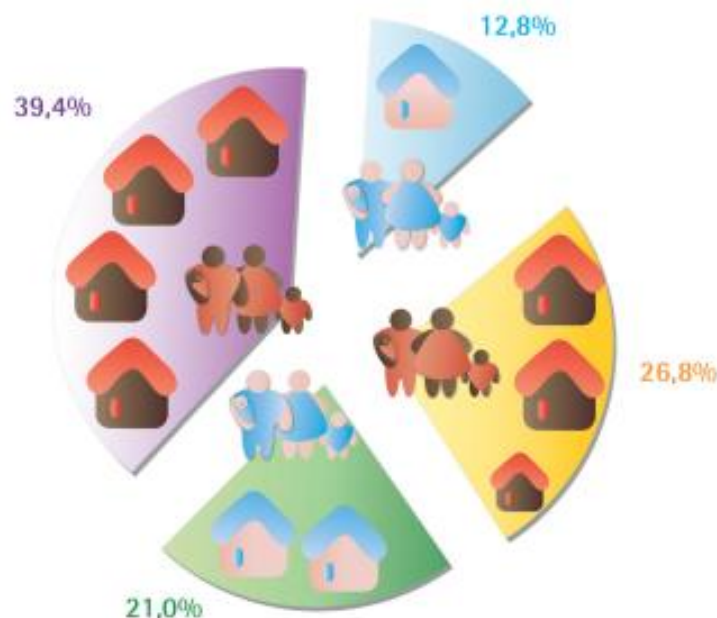


Esta situação é mais comum em domicílios chefiados por homens do que naqueles chefiados por mulheres, no entanto, estas disparidades estão gradualmente diminuindo.

Um domicílio é considerado em situação de adensamento excessivo quando existem mais de três moradores por dormitório.

# Assentamentos Subnormais

Distribuição de domicílios urbanos em favelas, segundo sexo e cor/raça do/da chefe. Brasil, 2009.



Legenda



domicílios chefiados  
por homens negros



domicílios chefiados  
por homens brancos



domicílios chefiados  
por mulheres negras

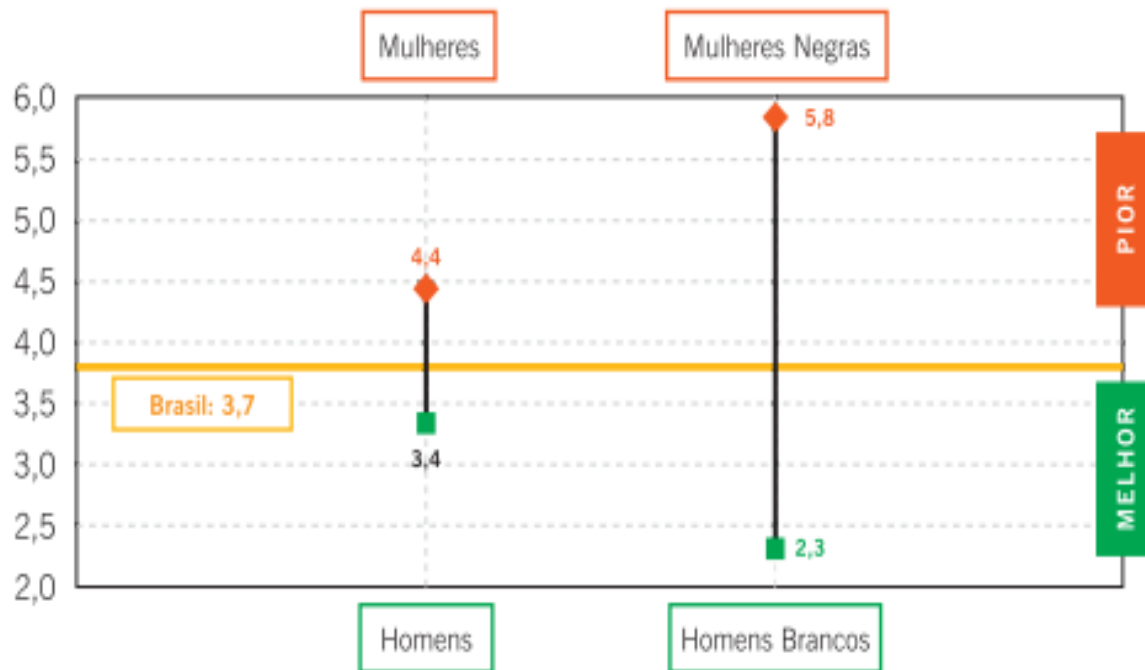


domicílios chefiados  
por mulheres brancas

Os dados mostram que o percentual de domicílios em assentamentos subnormais vem diminuindo para os chefes brancos, enquanto vem aumentando em especial para aqueles que apresentam chefia de mulheres negras (aumento de 11 pontos percentuais desde 1995). Há uma maior e crescente vulnerabilidade nas condições de habitação das famílias chefiadas principalmente por mulheres negras.

# Assentamentos Subnormais

Proporção de domicílios em assentamentos subnormais localizados nas áreas urbanas, segundo sexo e cor/raça do chefe de domicílio, Brasil, 2004



Fonte: IBGE / PNAD 2004. Tabulação especial. Elaboração: IPEA/UNIFEM

— Assentamento subnormal: conjunto (favelas e assemelhados) constituído por unidades habitacionais (barracos, casas, etc.), ocupando, ou tendo ocupado até período recente, terreno de propriedade alheia (pública ou particular), dispostas, em geral, de forma desordenada e densa, e carentes, em sua maioria, de serviços públicos essenciais.

Os domicílios chefiados por mulheres, em geral sem um companheiro, têm 70% mais chances de estar localizados em assentamentos subnormais que os chefiados por homens, que, em sua maioria, tem uma companheira. Entre as mulheres negras, a probabilidade é 2,5 vezes maior que entre os homens brancos.

## Fontes:

- Retrato das Desigualdades Gênero e Raça – IPEA.
- Desigualdades Raciais e de Gênero entre Crianças, Adolescentes e Mulheres no Brasil, no contexto dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio – UNICEF.

1º Simpósio Colaborativo:  
**Morte Materna e Responsabilidade Social**

# **INDICADORES**

## **Vitimização e Violência**

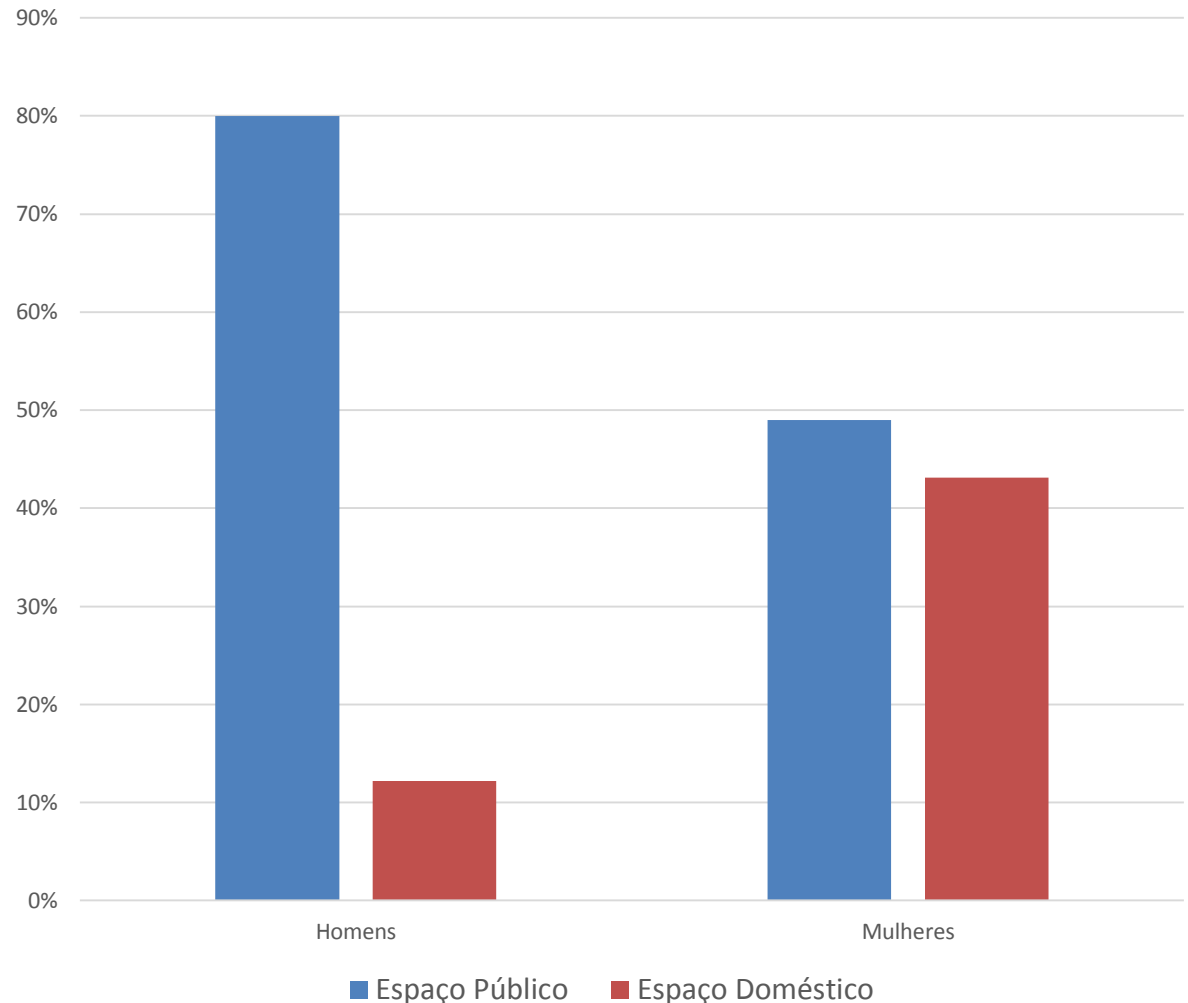


SECRETARIA DE  
SAÚDE



# Agressão física

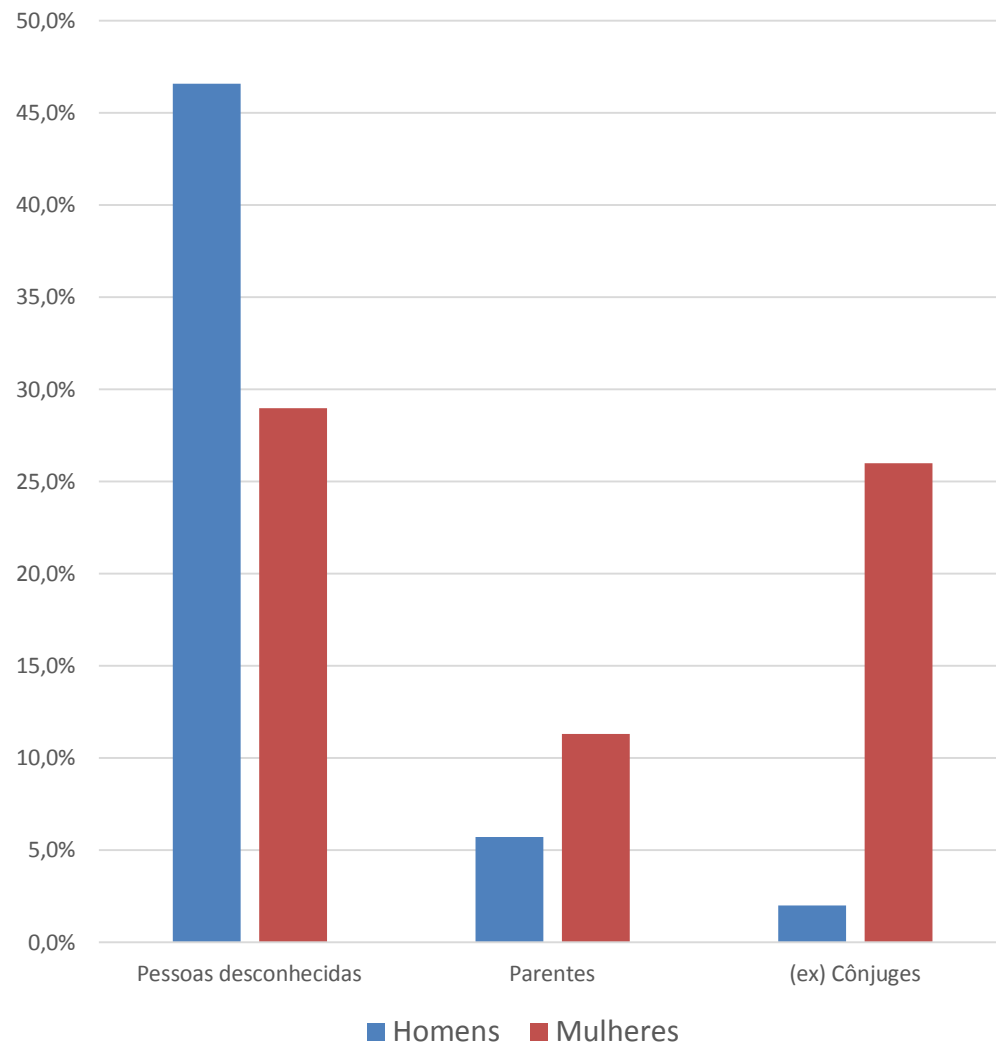
Local de ocorrência da agressão física



- No ano de 2009, apenas 1,6% do total da população, questionada, relatou ter sido vítima de agressão física.
- Apesar da pouca variação com relação à raça ou gênero (1,3% brancos, 1,8% negros; 1,8% homens e 1,3% mulheres), cabe destacar a diferença no que concerne o local e o agente responsável pela agressão física. O que assinala a necessidade de repensar e especificar as políticas públicas de segurança.

# Agressão física

## Atores da agressão física



- Com relação àquelas pessoas que sofreram agressão física por parte do cônjuge ou ex-cônjuge, as mulheres são as que mais procuram ajuda em alguma unidade policial (56%), enquanto apenas 32,3% o faz. No que concerne à raça: **“enquanto 61,6% das mulheres brancas haviam procurado a polícia, este valor é 10 pontos mais baixo quando se trata de mulheres negras (51,9%).”**
- Cabe destacar, que dentre as mulheres que não procuraram ajuda, **23% afirmaram que não o fizeram por medo de represálias** (27,7% não queria envolver a polícia e 25% apontaram que resolveram sozinhas). Enquanto dentre os homens, **apenas 2,3% informaram que não demandaram uma ação policial por medo de represália** (24,7% acreditaram não ser um fator importante). Esta diferença assinala o ambiente de medo e insegurança que muitas mulheres brasileiras vivenciam dentro de suas residências.

# Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher

Secretaria de Transparência – DataSenado (2013)

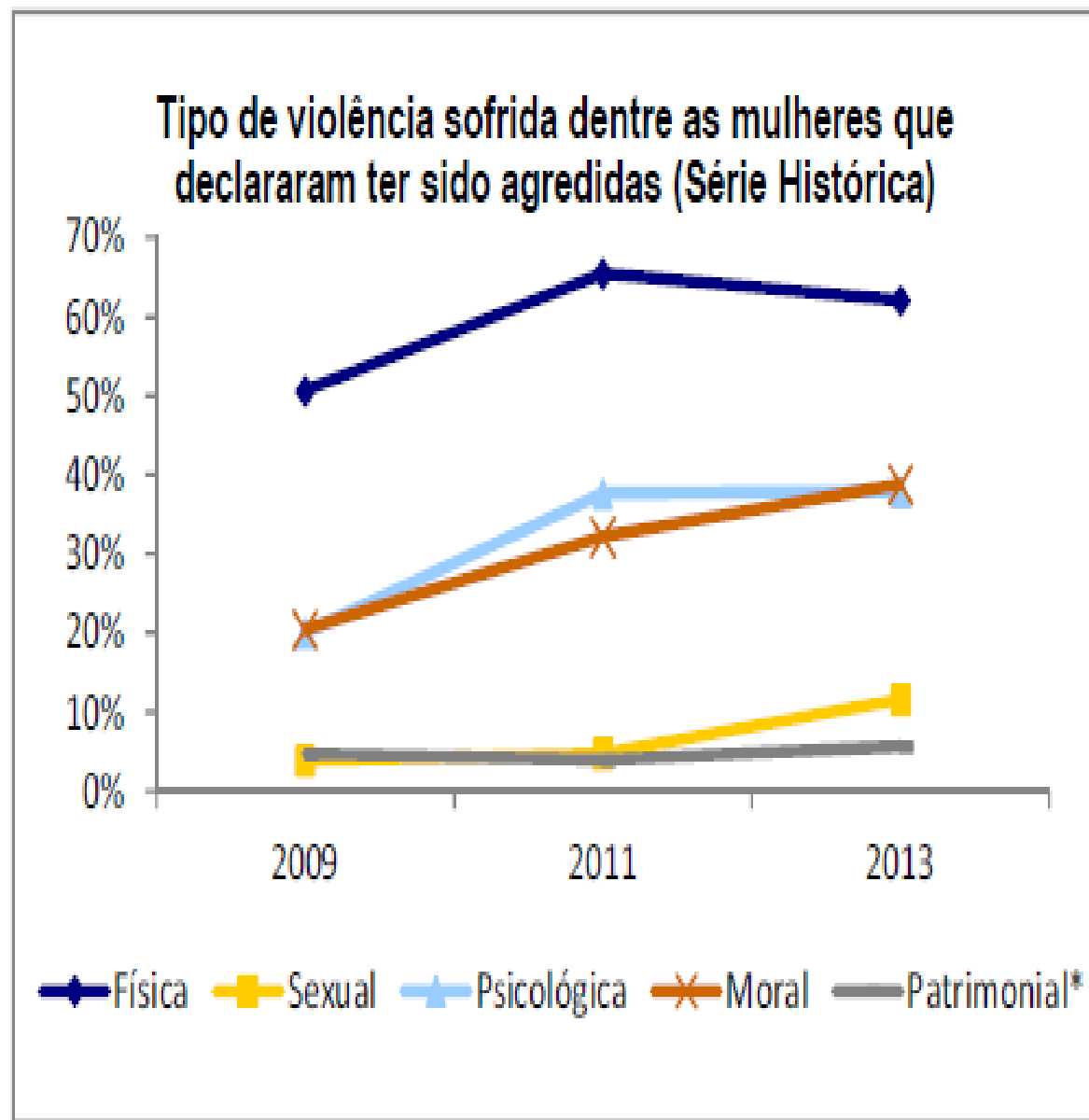
- A pesquisa estima que mais de **13 milhões e 500 mil mulheres já sofreram algum tipo de agressão** (19% da população feminina com 16 anos ou mais). Destas, 31% ainda convivem com o agressor.
- 700 mil brasileiras **continuam** sendo alvo de agressões.
- num *ranking* de 84 países, ordenados segundo as taxas de homicídios femininos, **o Brasil é o 7.º onde mais se matam mulheres.** (2012)

# Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher

Secretaria de Transparência – DataSenado (2013)

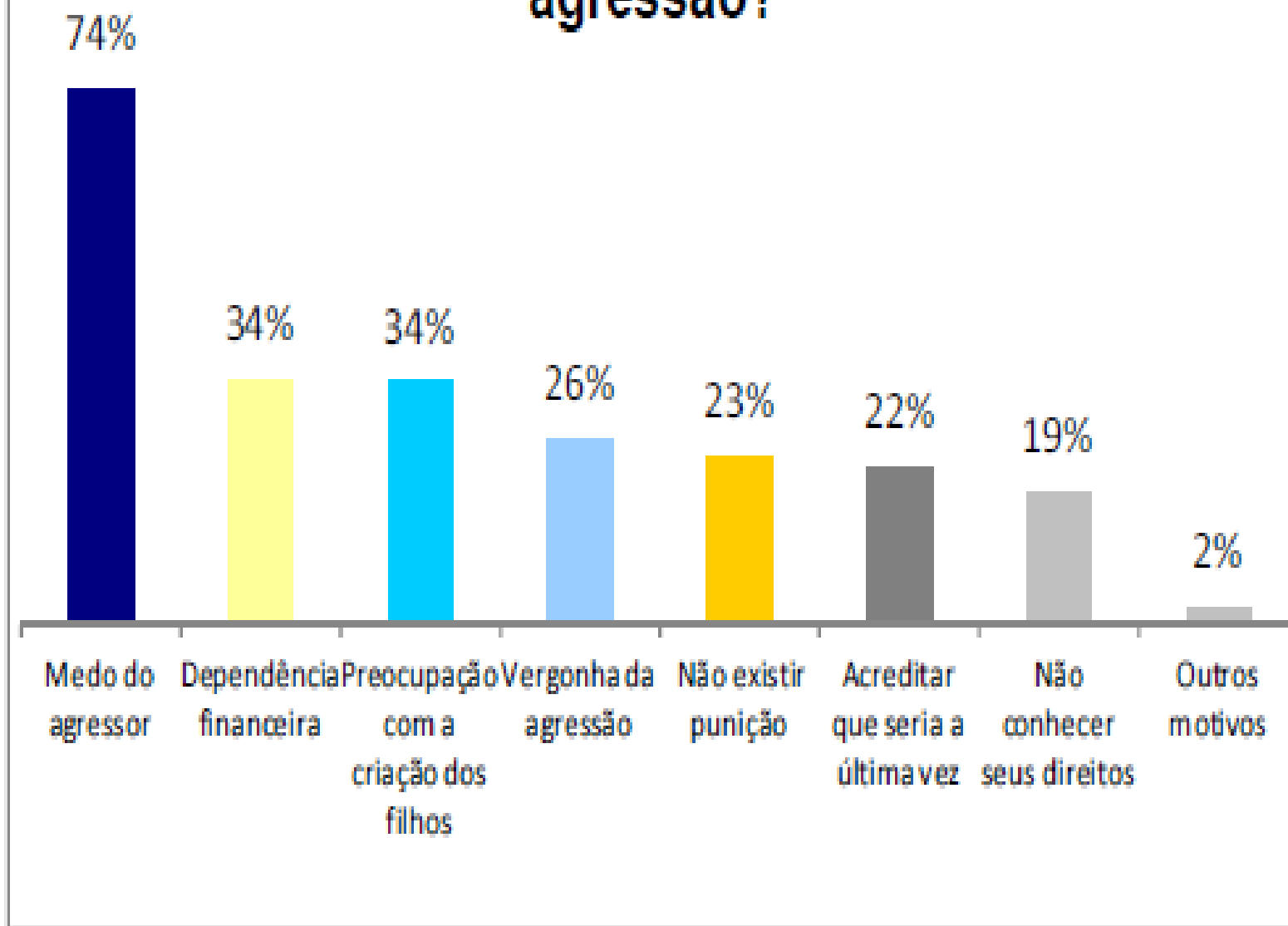
- após a sanção da Lei Maria da Penha (2006), a maioria das mulheres (66%) se sente mais protegida, conforme apurou o DataSenado [...] especialmente maior entre as **mulheres mais jovens** (71%), entre as que têm **ensino superior** (71%) e as que **têm alta renda** (75%).
- Os números da pesquisa demonstram a **consciência da população feminina de que as leis por si só não são capazes de resolver o problema da violência doméstica e familiar**. Essa é a opinião de quase 80% das entrevistadas.

- “O tipo de violência mais frequente sofrido por mulheres é a física, segundo relato de 62% das vítimas.”
- “Em seguida, vêm a violência moral e a psicológica, que, em 2013, foram relatadas por 39% e 38% das vítimas, respectivamente.”



- Dentre as mulheres que já sofreram violência, **65% foram agredidas por seu próprio parceiro de relacionamento**, ou seja, por marido, companheiro ou namorado.
- **Ex-namorados, ex-maridos e ex-companheiros também aparecem como agressores frequentes**, tendo sido apontados por **13%** das vítimas.
- Parentes consanguíneos e cunhados aparecem em **11%** dos casos.
- **O ciúme e o uso do álcool** continuam sendo os principais fatores declarados como motivos para a agressão, com **28%** e **25%** das respostas, respectivamente.
- O principal motivo para as mulheres escolherem essas vias alternativas à denúncia formal é certamente o **medo do agressor**, fator apontado por **74%** das entrevistadas.

## O que leva a mulher a não denunciar a agressão?



1º Simpósio Colaborativo:  
**Morte Materna e Responsabilidade Social**

# **INDICADORES Política e Representação**



SECRETARIA DE  
SAÚDE



- Tabela 2:  
Distribuição dos percentuais de representação política de mulheres, Américas ,  
Ranking IPU, Março de 2017.

	(IPU)	País	%
<b>1</b>	<b>2</b>	<b>Bolívia</b>	<b>53,1</b>
<b>2</b>	<b>3</b>	<b>Cuba</b>	<b>48,9</b>
<b>3</b>	<b>5</b>	<b>Nicarágua</b>	<b>45,7</b>
<b>4</b>	<b>8</b>	<b>México</b>	<b>42,6</b>
<b>5</b>	<b>15</b>	<b>Argentina</b>	<b>38,9</b>
<b>6</b>	<b>20</b>	<b>Equador</b>	<b>38</b>
<b>7</b>	<b>27</b>	<b>Costa Rica</b>	<b>35,1</b>
<b>8</b>	<b>36</b>	<b>El Salvador</b>	<b>32,1</b>
<b>9</b>	<b>54</b>	<b>Peru</b>	<b>27,7</b>
<b>10</b>	<b>59</b>	<b>República Dominicana</b>	<b>26,8</b>
<b>11</b>	<b>63</b>	<b>Canada</b>	<b>26,3</b>
<b>12</b>	<b>63</b>	<b>Honduras</b>	<b>25,8</b>
<b>13</b>	<b>67</b>	<b>Suriname</b>	<b>25,5</b>
<b>14</b>	<b>80</b>	<b>Venezuela</b>	<b>22,2</b>
<b>18</b>	<b>100</b>	<b>Estados Unidos</b>	<b>19,3</b>
<b>15</b>	<b>93</b>	<b>Uruguai</b>	<b>20,2</b>
<b>16</b>	<b>105</b>	<b>Colombia</b>	<b>18,7</b>
<b>17</b>	<b>107</b>	<b>Panamá</b>	<b>18,3</b>
<b>18</b>	<b>113</b>	<b>Jamaica</b>	<b>17,5</b>
<b>19</b>	<b>128</b>	<b>Chile</b>	<b>15,8</b>
<b>20</b>	<b>133</b>	<b>Paraguai</b>	<b>13,8</b>
<b>21</b>	<b>136</b>	<b>Bahamas</b>	<b>13,2</b>
<b>22</b>	<b>138</b>	<b>Saint Vincent and the Grenadines</b>	<b>13</b>
<b>23</b>	<b>140</b>	<b>Guatemala</b>	<b>12,7</b>
<b>24</b>	<b>153</b>	<b>Brasil</b>	<b>10,7</b>
<b>25</b>	<b>162</b>	<b>Belize</b>	<b>9,4</b>
<b>26</b>	<b>187</b>	<b>Haiti</b>	<b>2,6</b>

- **Tabela 1: A presença das Mulheres no Poder Legislativo Brasileiro (2008)**

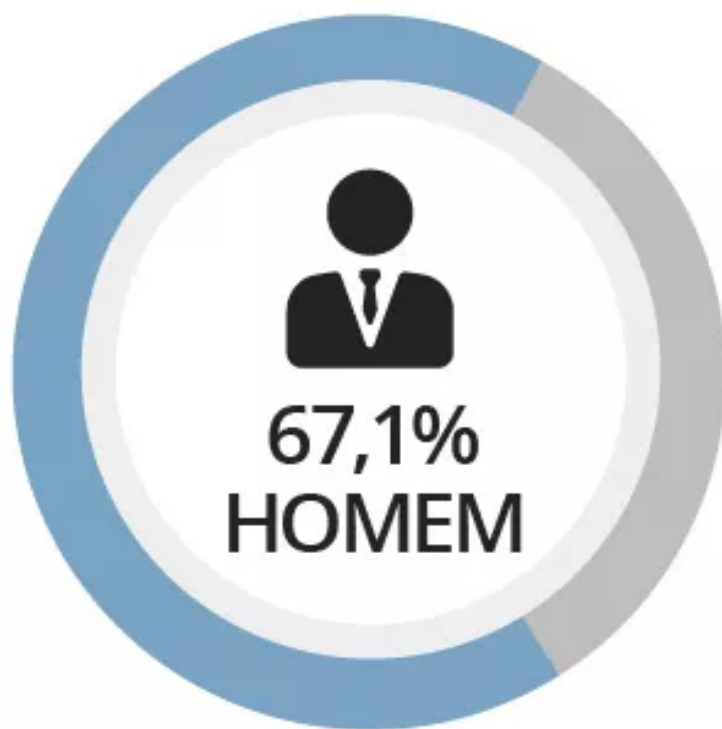
	Mulheres	%	Homens	%	Total
Vereadoras*	6.505	13,5	45.415	86,5	51.920
Deputadas Estaduais/Distritais	123	11,61	936	88,39	1.059
Deputadas Federais	45	8,82	465	91,17	510
Senadoras	10	12,34	71	87,66	81
<b>Total</b>	<b>6.683</b>	<b>11,32</b>	<b>46.887</b>	<b>88,67</b>	<b>53.570</b>

Fonte: CFêmea, Eleições de 2008 e 2006.

\*Em 20 nomes o sexo não foi informado

# Candidato a vereador

Veja o perfil básico dos candidatos segundo o TSE

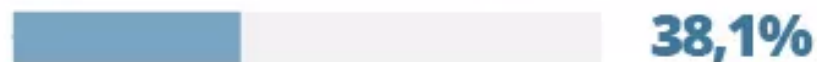


Média de 44 anos

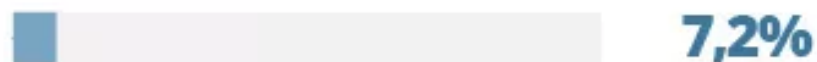
Branco



Ensino superior completo



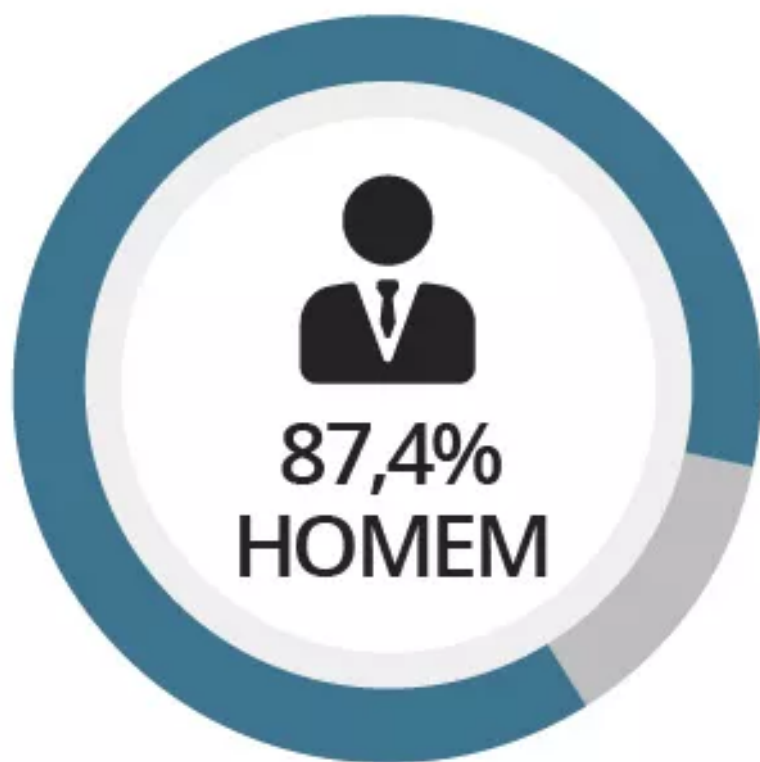
Ocupação mais comum: Empresário



FONTE: TSE

# Candidato a prefeito

Veja o perfil básico dos candidatos segundo o TSE

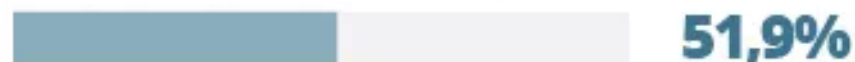


Média de 49 anos

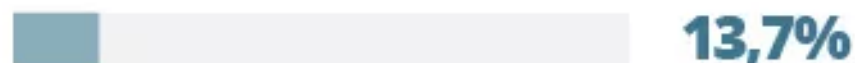
Branco



Ensino superior completo



Ocupação mais comum: Empresário



O Brasil foi o segundo país na América Latina a aprovar o sufrágio feminino, em 1932, dentro do continente sul-americano, após a iniciativa pioneira do Equador.

A alteração ocorreu antes mesmo de países como França e Bélgica.

E apesar da sub-representação parlamentar feminina ser um problema em todo o mundo, o caso brasileiro é bastante excepcional, pois **PRATICAMOS UMA DAS PIORES TAXAS DE REPRESENTAÇÃO DE MULHERES EM TODA A AMÉRICA LATINA E NO MUNDO, BEM PIORES ATÉ QUE OS PAÍSES ÁRABES.**

Para a data de 1º novembro de 2016, as médias de parlamentares nas Câmaras de Deputados e nos Senados em todo o mundo eram, respectivamente, 23% e 22.4%, sendo a média mundial de representação de mulheres 22.9%.

O nosso país estava no 154º lugar entre um conjunto extenso de 189 países (segundo o ranking da União Interparlamentar), apresentando um percentual de representação feminina lamentável: menos de 9% de deputadas federais na Câmara (em 2014, das 513 vagas, 51 apenas são ocupadas por mulheres).

**Além do mais, sabemos que no Senado Federal, entre 81 vagas, apenas 13 são ocupadas por mulheres, sendo que, atualmente, apenas oito senadoras se encontram exercendo ativamente seu cargo.**

**Apenas uma das 11 comissões do Senado é presidida por uma senadora e apenas uma das 21 comissões permanentes é liderada por uma deputada na Câmara de Deputados. Nas Assembleias Legislativas elas foram apenas 11.3% das eleitas em 2014.**

**Para evidenciar grande problema basta notar que, mesmo praticando indicadores tão pífios de representação feminina, o número de mulheres eleitas nas eleições recentes de 2016 caiu: as 641 mulheres eleitas ao cargo de prefeita nas eleições municipais 2016 representam 11.57% do total e, em 2012, elas somaram 659 prefeitas eleitas, o que correspondeu à época a 11.84% do total.**

**Apesar da legislação eleitoral brasileira impor cota de gênero na lista das candidaturas, a representação feminina ainda permanece ínfima se comparada à dos homens, que, só nas eleições de 2016 foram 4.898 prefeitos eleitos no Brasil, perfazendo o domínio de 88.43% das prefeituras no país. Lembro também que foi nessas últimas eleições de 2016 que, pela segunda vez, conseguimos efetivamente cumprir essa lei de cotas (sendo que a Lei existe desde 1995 no Brasil).**

**As mulheres foram AFINAL 32% de todas as candidaturas (prefeito, vice e vereador), perfazendo o total de 158.445 candidatas em todo o país, mas, nos resultados, a elegibilidade delas nas Câmaras Municipais permaneceu estável ou decaiu: observando-se apenas as capitais (justamente onde as candidaturas das mulheres historicamente têm mais chances de sucesso eleitoral), nas eleições de 2012, o número de mulheres chegou a 103 vereadoras eleitas e os homens a serem 708 vereadores eleitos e, em 2016, foram 107 vereadoras eleitas e 704 vereadores eleitos, um crescimento praticamente inexpressivo.**

1º Simpósio Colaborativo:  
**Morte Materna e Responsabilidade Social**

# **INDICADORES**

## **Redes e Internet**



SECRETARIA DE  
SAÚDE



## RELAÇÕES DE GÊNERO NA BLOGOSFERA/Redes Sociais

- **67% dos blogs no mundo são feitos por homens;**
  - **Na Wikipedia, menos de 15% entre seus centenas de milhares de colaboradores são mulheres;**
  - **Artigo de 2007 do *The Guardian*: “Como a internet se transformou num paraíso machista”**
- ? Um usuário com nome feminino tem 25 mais chances de ser ofendido.**
- ? Premiações sexistas para blogs, blogs de mulheres não levados a sério.**

# Enfoque de gênero nas estatísticas

- **É preciso entender a falta de autonomia nas decisões; ausência controle do corpo; e sua sexualidade; violência domestica – são as condições que potencializam as assimetrias social e de gênero**
- **O significado e o exercício da chefia da família – tomada de decisões; administração dos gastos; contribuição econômica**

## NA ORGANIZAÇÃO DA VIDA POLÍTICA:

- **No Brasil, as mulheres só tiveram acesso ao voto em 1932, por incansável militância do movimento sufragista feminino, nas primeiras décadas do século XX, liderado pela bióloga paulista BERTHA LUTZ.**
- **As primeiras mulheres foram eleitas para o Parlamento em 1933.**
- **De lá pra cá, a necessidade de igualdade de oportunidades sociais para participar ativamente da vida pública impôs-se como um direito inalienável das mulheres.**
- **Discute-se há alguns anos, no interior dos partidos políticos e na sociedade mais ampla, a proposta de cotas para mulheres no intuito de garantir certa representatividade política feminina no Poder Legislativo e no Executivo.**
- **A Lei de Cotas 9504/97, que institui 30% de cotas para candidatas mulheres, ainda encontra muitas resistências.**

# SOCIALIZAÇÃO E INTERAÇÕES SOCIAIS



# A Socialização e a interação social

Ao **interagir** com o/a outro/a no cotidiano, nós estabelecemos **relações de socialização**.

Entende-se por ***interação social a base de toda a vida social, responsável pela socialização das pessoas e também pela formação da subjetividade.***

A **comunicação/linguagem** é responsável por estabelecer a troca de informação, de aprendizagem e conceber a interligação entre as pessoas.

# A Socialização e a Comunicação HOJE



Fonte/imagem: [www.porquegenteeassim.com.br](http://www.porquegenteeassim.com.br)

As redes sociais como o Facebook, o Twitter, o Whatsapp, são exemplos de como a comunicação se estabelece nas novas relações humanas que se estabelecem. No entanto, existe sempre o lado positivo e negativo destas formas de comunicação virtual.

**O QUE VOCÊ PENSA A  
RESPEITO?**

# A Socialização e a Comunicação

As **redes sociais** se integraram ao cotidiano das pessoas tão fortemente, que passaram a compor novos espaços de aprendizagem (Cursos de EAD), de relacionamentos interpessoais (casamentos, amizades, grupos de estudo, etc.), de trabalho (blogs, lojas virtuais, etc), de mobilização social, de denúncias etc...



Fonte/imagem: [www.youtube.com](http://www.youtube.com)

Essa nova forma de expressão do processo de **socialização** tem mudado o hábito das pessoas e reflete uma **mudança social** no comportamento das pessoas.

# O Cotidiano e as nossas instituições: a Família, a Escola e o Trabalho

A famílias, a escola e os nossos espaços de trabalho são instituições sociais. Você Sabia?

No nosso cotidiano as relações diárias de ensino e aprendizagem, de coleguismo, de amizade, etc., que construímos nas famílias, na escola e no trabalho são exemplos de **relações sociais**.

Do mesmo modo a discriminação, o preconceito e as violências também se apresentam nesses ambientes.

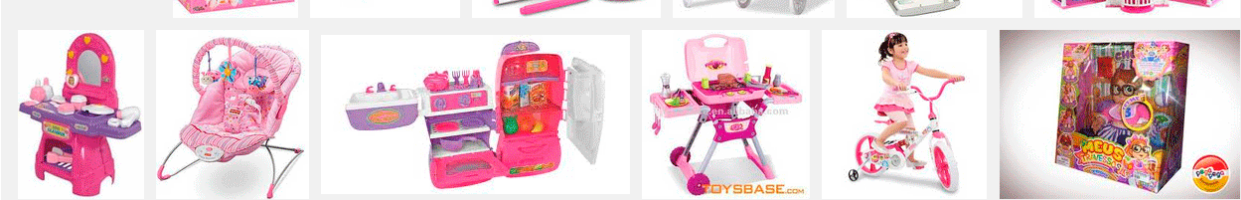
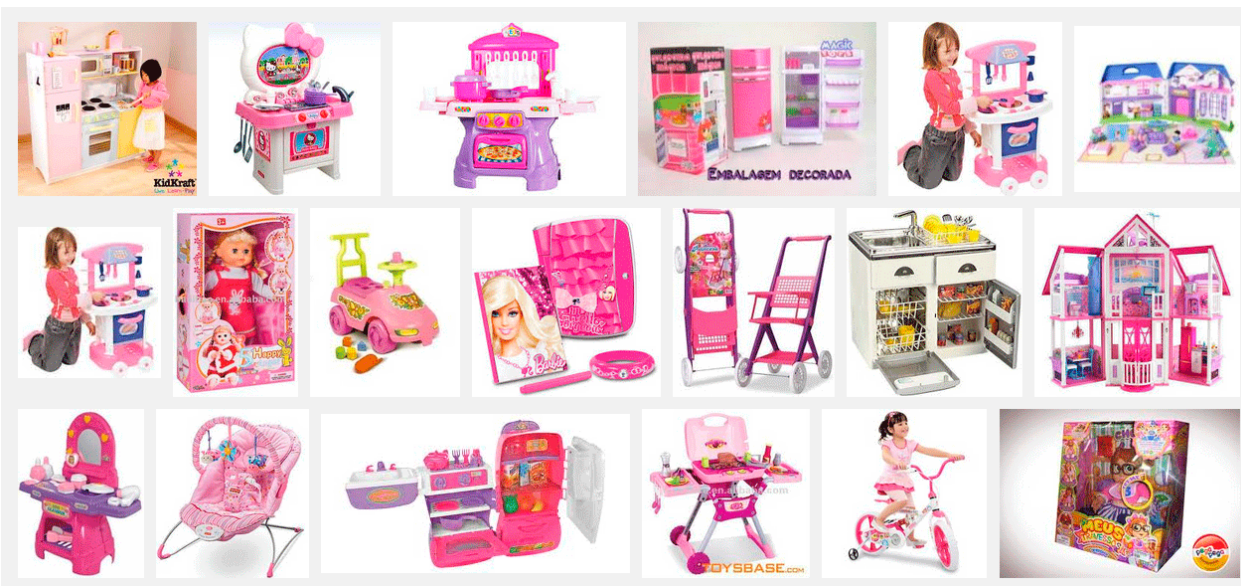
Na escola temos a continuidade dos processos de **socialização** iniciados na família, e a dita educação formal (institucional). Mais à frente, no trabalho, essa socialização continua.



## OS DESAFIOS DA SOCIALIZAÇÃO DIFERENCIADA DE GÊNERO

- Desde pequenos/as, por meio dos brinquedos e das brincadeiras, somos ensinados/as sobre a forma de ocupação dos espaços privados e públicos.
- As bonecas e as miniaturas de utensílios domésticos vão ensinando/determinando o que se espera de uma menina (em casa e fora dela), ao mesmo passo que os brinquedos de locomoção (bicicleta, carrinhos, skate e outros) e de luta servem como trampolim para que meninos se sintam fortalecidos a sair de casa e a ocupar seus espaços na vida pública.
- Cada um, cada uma vai aprendendo desde cedo o que “fica bem” para uma menina e para um menino e quais atitudes e comportamentos devem ser reprimidos em ambos.

# BRINQUEDOS “DE MENINA”







Oi  
?????  
??



“Para meninas”:



“Para meninos”:



- **De modo geral:**
  - ESSAS diferenças sexuais - base para *divisão sexual do trabalho*;
  - Práticas sociais - significados aos elementos masculinos/femininos;
  - *Feminino* = associado à **NATUREZA** (já determinado pela biologia);
  - *Masculino* = associado à **CULTURA** (produzido, criado);
- **Práticas e representações sociais:**
  - relações de poder assimétricas entre homens e mulheres;
  - submissão (*patriarcalismo*) = modelo/padrão dominante;
- **Outras associações vinculadas ao sexo – atribuiu-se:**
  - homens = a racionalidade, o pensamento lógico, o cálculo;
  - mulheres = a afetividade, as emoções, a intuição;

# A Diversidade entre Homens e Mulheres como Desigualdade

- **Formas de viver e pensar o masculino e o feminino - consequências concretas:**
  - Reforço à estrutura familiar patriarcal;
  - Justificativa para acentuar os papéis sociais atribuídos a homens e mulheres;
  - Educação diferenciada para meninos e meninas;
  - Reprodução de papéis sociais distintos (brincadeiras “masculinas” e “femininas”);
  - Escolas de 1º e 2º graus (LDB,1996) - meninas (Educação Doméstica, Trabalhos Manuais);
  - Mercado de trabalho - profissões consideradas “masculinas” ou “femininas”;

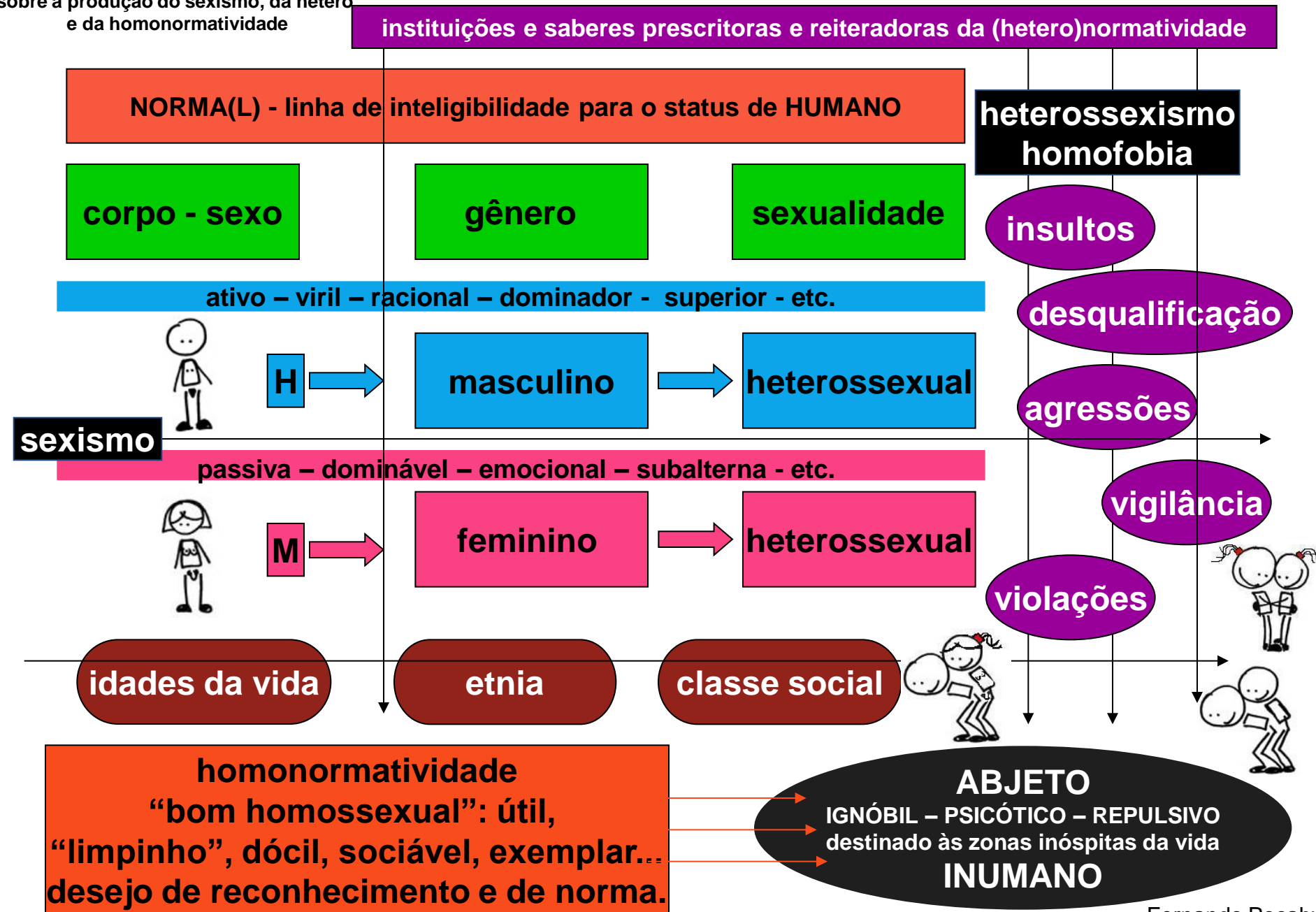


OI ???????



- As mulheres, desde meninas, educadas para cuidar dos outros (filhos, marido, parentes idosos), acabam por abraçar carreiras tidas como femininas: professoras, enfermeiras, assistentes sociais, psicólogas, empregadas domésticas etc.
- Não só é comum que elas escolham carreiras no campo do ensino ou da prestação de serviços sociais ou de saúde, como se supõe que tais atividades sejam uma extensão, no espaço público, das tradicionais atividades que elas já desenvolvem no ambiente doméstico. **ESTA ESCOLHA É CONSTRUÍDA PELA SOCIALIZAÇÃO DIFERENCIAL DE GÊNERO.**
- O processo de escolarização pode reforçar a associação frequente entre o gênero feminino e determinadas ocupações -levando a uma desvalorização social de certas profissões, por elas serem consideradas de menor competência técnica ou científica.
- Mesmo entre carreiras de prestígio social, como a medicina, as especialidades que se feminizaram – a exemplo da pediatria – terminam sendo mais mal remuneradas se comparadas a outras especialidades cujo contingente masculino é mais expressivo, como a ortopedia ou a neurologia (Silva, 1998).

Esquema para uma problematização sobre a produção do sexismo, da hetero e da homonormatividade



# As RELAÇÕES DE GÊNERO

# O CONCEITO DE GÊNERO

Para as Ciências Sociais, o conceito de gênero foi demarcado pelo pensamento feminista nos anos 1970/80 **(FONTE 3)**, e se refere à construção social do sexo anatômico.

Foi criado para distinguir a dimensão biológica da dimensão social, baseando-se no raciocínio de que há machos e fêmeas na espécie humana, mas que a maneira de ser homem e de ser mulher é instituída pela cultura. Assim, o conceito de gênero contribui para pensarmos as relações sociais estabelecidas entre homens e mulheres.

# O CONCEITO DE GÊNERO

- ❑ **PARA O FEMINISMO**, os primórdios da definição de GÊNERO (ainda sem tal denominação) foi a contribuição inaugural de Simone de Beauvoir que escreve, em 1948, na obra *O Segundo Sexo*: “Não se nasce mulher, torna-se mulher” (**FONTE 1**).
- ❑ Outra fonte reconhecida (**NÃO FEMINISTA**, **FONTE 2**) para o conceito de gênero se situa nos trabalhos endocrinológicos e psiquiátricos a respeito da identidade de gênero, desenvolvidos tanto pelo psiquiatra Robert Stoller (1968, da UCLA [Gender Identity Clinic](#)), quanto pela Clínica da Universidade de Johns Hopkins através do psicólogo John Money (1952, um dos pioneiros na elaboração de teoria sobre a identidade de gênero e do tratamento hormonal-cirúrgico do [transexualismo](#)).



## “O SEGUNDO SEXO” (1949)

A partir dos anos 50, o engajamento político de Sartre e Beauvoir se acentua. Beauvoir publica **O Segundo Sexo** em 1949, fazendo crítica contumaz à subordinação das mulheres e influenciando o feminismo mundial. Em 1960 Sartre publica a **Crítica da Razão Dialética**, no qual tenta conciliar o existencialismo e o marxismo. Ambos também denunciam o colonialismo francês na Argélia (Sartre escreve, inclusive, *Os Seqüestrados de Altona*).

Esse interesse pelo problema argelino liga o casal às questões do Terceiro Mundo. E eles viajam a Cuba e ao Brasil, em 1961. Em 1967 ele visita o Egito e Israel com o objetivo de tentar abrir o diálogo entre os intelectuais dos dois países.

## **ENTÃO, O QUE É GÊNERO?**

**O gênero é uma construção social, cultural e histórica do que é feminino e masculino.**

“Gênero não é sinônimo de sexo (masculino ou feminino), mas corresponde ao conjunto de representações que cada sociedade constrói, através de sua História, para atribuir significados, símbolos e características para cada um dos sexos” (Auad 2008).

**O sexo de uma pessoa é um fator biológico.**

**A primeira pergunta que ouvimos é “É menina ou menino?”  
A resposta já determina como essa criança será tratada.  
Portanto, o sexo de alguém é também social e cultural.  
Uma criança aprende a se comportar como menina ou menino através dos estereótipos.**

**Sandra Bem afirma que há três crenças principais do lugar comum no que envolve gênero:**

1. que homens e mulheres são diferentes, sexual e psicologicamente;
2. que os homens são “superiores”; e
3. que as duas “verdades” anteriores são fatos indiscutíveis e naturais.

**Pode haver diferenças nos gêneros, mas não desigualdades.**

**Enquanto o comportamento do homem for considerado o padrão na cultura, as diferenças das mulheres em relação ao homem serão sempre encaradas como deficiências (Hare-Mustin & Marecek 1990).**

# O CONCEITO DE GÊNERO

- **Gênero demarca, então:**
- Uma **dimensão SOCIAL E POLÍTICA** construída A PARTIR das diferenças entre os sexos;
- É um **conceito RELACIONAL**: implica as diferenças entre homens e mulheres, masculino e feminino etc.
- É a **primeira forma de significação das relações de PODER**: as relações sociais que construímos tem um direção de poder e de hierarquia que vai do Homem (dominante) à Mulher (dominada), produzindo-se uma sociedade PATRIARCAL;
- Mas se as relações de gênero são, social e politicamente construídas, elas não precisam ser necessariamente patriarcais, assimétricas, hierárquicas e de dominação masculina. **É possível se construir relações de gênero simétricas, democráticas, igualitárias.**

# **MAS RELAÇÕES DE GÊNERO ASSIMÉTRICAS E DESIGUAIS (patriarcais, sexistas e misóginas)**

- **Estão presentes no cotidiano – nos espaços público e privado;**
- **Homens e mulheres interatuam seguindo modelos e expectativas sociais, cumprindo papéis que lhes são assignados;**
- **Relações de gênero tb estão nas normas, leis prescrições – relações de poder e autoridade;**
- **Quase sempre, a contribuição de homens e mulheres é diferenciada e valorizada diferentemente para o conhecimento da realidade.**

- **As políticas e o marco jurídico regulam as relações na sociedade;**
- **Há AMPLO e CONTINUADO reconhecimento da contribuição masculina (mas e da contribuição feminina?);**
- **Assimetrias e desigualdades tendem perpetuar-se e exacerbar-se – quando as desigualdades sociais, marginalidade e exclusão social estão mais enraizadas;**
- **É preciso conhecer outras dimensões que se entrecruzam – relações raciais, de sexualidade, de classe social, geracionais etc.**

- **A QUESTÃO DE GÊNERO é usada para determinar a organização social do espaço público e privado e como configura o mundo que nos cerca.**
- **A oposição “rua x casa” é particularmente interessante para percebermos como os gêneros masculino e feminino estão associados a cada uma destas instâncias, conformando a divisão entre o mundo da produção (masculino) e o da reprodução (feminino).**
- **Tal como o conceito sociológico de CLASSE SOCIAL, que distingue diferentes inserções conforme as condições materiais de existência de cada um/a, o CONCEITO DE GÊNERO também nos ajuda a compreender o modo de organização da vida social, tanto no espaço público quanto na esfera privada.**

- Historicamente, o espaço público era restrito aos homens como cidadãos, tendo sido as mulheres dele excluídas durante muitos séculos, confinadas no mundo doméstico.
- Em todas as sociedades há uma divisão do trabalho entre homens e mulheres que permite que as tarefas necessárias à produção e à reprodução sejam cumpridas. Chamamos isto de “DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO”.
- Certamente não existe um único modelo para a divisão sexual do trabalho, porém o que se observa é que, a despeito de diferenças culturais no modo como as distintas sociedades humanas se organizam, **as mulheres estão sempre mais voltadas ao cuidado dos/as filhos/as e ao trabalho doméstico, como consequência natural da reprodução ocorrer em seus corpos.**

- **Ponto de partida de que as mulheres sofrem discriminações enquanto:**
  - a) ***Trabalhadoras* em função das relações de Mercado dentro de segmentos específicos da força de trabalho/trabalho informal na qual elas estão engajadas;**
  - b) ***posição estrutural* em termos de classe, raça, etnicidade, casta;**
  - c) ***como mulheres* em função de dinâmicas culturais que estabelecem normas e relações de gênero tanto no lar quanto nos locais de trabalho que constroem a autonomia das mulheres.**

- Neste sentido precisamos ter a clareza de que a **POBREZA das MULHERES no país NÃO SE REDUZ A UMA DIMENSÃO EXCLUSIVAMENTE MONETÁRIA/ECONÔMICA. Nossas desigualdades são multidimensionais.**
- Ainda e infelizmente, as mulheres no Brasil são pobres economicamente, mas tb são “pobres” politicamente, simbolicamente, institucionalmente...
- Sem desprezar a importância das políticas de redistribuição monetária/econômica, **não dá para reduzir a luta contra as desigualdades e a conquista de direitos e de JUSTIÇA por meio exclusivo de uma agenda de caráter econômico.**



- **A EQUIDADE DE GÊNERO é TAMBÉM considerada pelo Fundo de População das Nações Unidas um direito humano, sendo o empoderamento das mulheres ferramenta indispensável para promover o desenvolvimento, o reconhecimento, e a representação das mulheres e uma condição para, de fato, se reduzir a pobreza em nosso país.**
- **Mulheres com maiores níveis de educação e participação no mercado de trabalho estão, em geral, mais capacitadas para contribuir para a saúde e a produtividade de suas famílias e localidades, criando melhores perspectivas para as novas gerações.**

- **Pesquisas demonstram que o investimento na educação feminina reduz as taxas de fecundidade, de mortalidade infantil e de mortalidade materna, aumenta as taxas de participação da força de trabalho e elevam os ganhos salariais.**
- **O estreitamento dos hiatos de gênero (*gender gap*) não só é uma questão de justiça, mas também incrementa o crescimento econômico e o bem-estar da população (WEF, 2009: 24).**
- **Se o ordenamento legal do Brasil estabelece preceitos fundamentais para garantir a igualdade de tratamento perante a lei e a equidade de gênero, na vida cotidiana persistem inúmeros obstáculos à realização dessas promessas legais, seja no mundo do trabalho, seja na esfera política ou privada.**

- **As mulheres brasileiras, nos diferentes períodos da vida, sofrem **A VIOLÊNCIA COM BASE NO GÊNERO** em suas várias expressões:**
  - restrições no campo da autonomia sexual,
  - dificuldades de acesso à saúde sexual e reprodutiva e violência obstétrica,
  - sobrecarga de responsabilidades pela má distribuição dos afazeres domésticos,
  - segregação ocupacional apesar de maiores índices de escolaridade,
  - discriminação salarial e “teto de vidro”,
  - Discriminações e opressões interseccionais (raça. Geração, classe etc.)
  - restrita presença nos espaços de poder etc.
- **Porém, a despeito das permanências de antigas desigualdades, há aquelas entre os gêneros que estão sendo reconfiguradas, resultando num novo cenário em que:**
  - se reforçam desigualdades entre as próprias mulheres, mas também
  - se reverterem desigualdades entre homens e mulheres, como no caso da educação e da esperança de vida, em que estas últimas apresentam melhores indicadores do que os primeiros.

- O desenvolvimento brasileiro aconteceu, infelizmente, com aumento da concentração da riqueza e com exclusão social, e só apenas MUITO recentemente se inverteram parcialmente os sinais das desigualdades regionais, de classe, de gênero, de raça e geração. **TODAS ESSAS MUDANÇAS ESTÃO AMEAÇADAS AGORA !**
- O Brasil foi um dos países do mundo que mais cresceram no século XX em termos populacionais e econômicos.
- A população brasileira passou de pouco mais de 17 milhões de habitantes, em 1900, para 170 milhões de habitantes no ano 2000 (cresceu 10 vezes em 100 anos);devendo atingir o ápice de 220 milhões de habitantes em 2040.
- Este alto crescimento demográfico não impediu o crescimento econômico, pois o Produto Interno Bruto (PIB) do país aumentou cerca de 127 vezes em 100 anos, propiciando uma ampliação da renda per capita de 12,7 vezes no período.

- **A permanência de altos percentuais de pobreza entre a população brasileira evidencia que o processo de desenvolvimento econômico brasileiro não foi capaz de universalizar seus benefícios, especialmente quando consideramos os recortes de classe, gênero e raça.**
- **Do ponto de vista das políticas públicas contribuíram para a recente redução da pobreza no Brasil os efeitos de investimentos realizados em três áreas estratégicas:**
  - **a) valorização do salário mínimo;**
  - **b) aumento da cobertura da assistência social via Benefício de Prestação Continuada de Assistência Social/Lei Orgânica da Assistência Social (BPC/LOAS); e**
  - **c) ampliação substantiva das políticas de transferência de renda.**

- Estas três políticas públicas tiveram, muito recentemente, um impacto positivo na redução da pobreza em termos de classe, gênero, raça e geração, isto é, favoreceram pobres, mulheres, negros e idosos (Cedeplar, 2007; Ibase, 2008; Rocha, 2008).
- Também tiveram um impacto regional, pois a prioridade é para as regiões mais pobres do país, que recebem, proporcionalmente, maiores recursos decorrentes do aumento do salário mínimo, do BPC/LOAS e do Programa Bolsa Família.
- Mas O QUÊ significa, de fato, DESENVOLVIMENTO E AUTONOMIA PARA NÓS MULHERES ???
- QUAIS SÃO AS POLÍTICAS PÚBLICAS QUE GOSTARIAMOS DE VER IMPLEMENTADAS NESTA DIREÇÃO?

**É urgente e necessário que as mulheres OCUPEM os espaços públicos para dar a sua opinião, para contribuir com este processo de AMPLIAÇÃO DOS DIREITOS E DA CIDADANIA PARA AS MULHERES BRASILEIRAS !**

- **OU ALGUÉM ACREDITA QUE O EFETIVO DESENVOLVIMENTO DO PAÍS SERÁ EFETIVO COM A EXCLUSÃO, A OPRESSÃO OU A ALIENAÇÃO DE MAIS DE 50% DE SUA POPULAÇÃO?**
- **A via de acesso à cidadania passa por lutas e conquistas normativas e jurídicas – VAMOS, PORTANTO, LUTAR !**
- **VAMOS RESISTIR !**

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

**Para uma possível reversão desse quadro de valores neoconservadores (re)ativados no Brasil será estratégico:**

- 1) Lutas articuladas ENTRE diferentes movimentos sociais (feminista, negro, indígena, rural, juventudes etc.) e INTRA movimentos;**
- 2) Articulações estreitas com as novas formas de ativismo online e em rede;**
- 3) Recurso às articulações com lideranças jovens e renovar esforços de (re)sensibilização das antigas lideranças;**
- 4) Luta por um redesenho definitivo de Estado LAICO e DECOLONIZADO;**
- 5) Afirmar uma teoria e uma forma de constituição do saber igualmente DECOLONIZADO.**

## ESTADO LAICO E DIREITOS HUMANOS

**REALIZAR O SUBSTANTIVO DA DEMOCRACIA implica um nível de consolidação e de qualidade do processo democrático onde as instituições não existam apenas arroladas no papel e/ou repetindo as raízes tradicionais e colonizadas do elitismo e da exclusão cidadã, mas que sejam fruto de UM TRABALHO PERMANENTE E REGULAR DE GARANTIA DE QUE CADA CIDADÃO E CIDADÃ TENHA SEUS DIREITOS GARANTIDOS E QUE TAIS DIREITOS SEJAM, DE FATO, VIVIDOS/EXPERIMENTADOS TANTO NA SUA FORMA QUANTO EM SEU CONTEÚDO, independentemente deste/a cidadão/ã ser mulher, negro/a, gay/lésbica/transsexual/travesti, jovem, idoso, pobre, rico etc..**

## REFERÊNCIAS

Auad, Daniela. “Relações de gênero nas práticas escolares e a construção de um projeto de co-educação”.

2012. <http://www.anped.org.br/reunioes/27/ge23/t233.pdf>

Badinter, Elisabeth. *Rumo equivocado: o feminismo e alguns destinos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

Chanter, Tina. *Gênero: Conceitos-chave em filosofia*. Trad. Vinicius Figueira. Porto Alegre: Artmed, 2011.

Nogueira, Conceição; Saavedra, Luísa. “Estereótipos de gênero: conhecer para os transformar”. 2012. [http://www.crie.min-edu.pt/files/@crie/1220024513\\_03\\_SACAUSEF\\_III\\_10a30.pdf](http://www.crie.min-edu.pt/files/@crie/1220024513_03_SACAUSEF_III_10a30.pdf)

Otto, Clarícia. “A feminização do Magistério: poder e violência simbólica”. *Fazendo Gênero 8 – Corpo, Violência e Poder*. Florianópolis 2008. [http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST5/Claricia\\_Otto\\_05.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST5/Claricia_Otto_05.pdf)

Schenini, Fátima. “Professora de Rondônia estimula aprendizado por meio de blogs”. Edição 58 – Blogs na Educação. Julho de 2011. <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/conteudoJornal.html?idConteudo=1794>

Souza, Edney. História da blogosfera brasileira. 2009. <http://www.slideshare.net/polvora/histria-da-blogosfera-brasileira>

Tempel, Melissa Bollow. “One teacher's approach to preventing gender bullying in a classroom.” 11 de dezembro de 2011. Together for Jackson County Kids. <http://togetherforjacksoncountykids.tumblr.com/post/14314184651/one-teachers-approach-to-preventing-gender-bullying-in>

Zibetti, Marli Lúcia Tonatto. “O que pensam professoras de educação infantil sobre a feminização da profissão docente?” 2012. <http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT23-3041--Int.pdf>

1º Simpósio Colaborativo:  
**Morte Materna e Responsabilidade Social**

**Obrigada!**

**Profa. Marlise Matos  
(DCP, NEPEM, CIFG / UFMG)**



SECRETARIA DE SAÚDE





30  
anos